

Economista propõe nova estratégia

NELSON LEMOS
Enviado Especial

Santiago — Nos últimos três anos, os países da América Latina transferiram US\$ 72,2 bilhões para os países desenvolvidos em recursos reais, já descontado o pagamento de juros, e esta "chocante contradição" deve ser revertida drasticamente para que a economia latino-americana saia da difícil situação em que se encontra.

A advertência foi feita ontem, pelo economista chileno Sérgio Bitar, ex-ministro de Minas do governo de Salvador Allende, e que regressou este ano ao Chile depois de onze anos de exílio. Sua intervenção nos trabalhos realizados pela Cepal (Comissão Económica para a América Latina e o Caribe), no seminário sobre as razões da crise no Continente, produziu grande impacto, secundada por opiniões coincidentes de outros participantes de que a crise enfrentada pelos países da América Latina é de natureza estrutural, exigindo modificações profundas na estratégia econômica até agora adotada, bem como na conceituação e entendimentos dos problemas externos.

A principal recomendação de

Bitar é para que os países da América Latina empreendam com maior decisão a mudança do seu modelo de desenvolvimento econômico, pois o que vem sendo adotado nos últimos dez anos não conseguiu reduzir a vulnerabilidade aos choques externos e tampouco as desigualdades internas, que pelo contrário se agravaram naquele período. A tese por ele defendida é que, da mesma forma como os países desenvolvidos, a começar pelos Estados Unidos, os países da América Latina precisam também integrar os objetivos do desenvolvimento econômico aos de segurança interna.

Para um economista obrigado a deixar seu país justamente por questões de segurança interna alegadas contra ele, parece contraditório defender estas idéias. Mas Bitar mostrou não ter preconceitos quando se trata de fortalecer a economia e a estrutura social dos países da América Latina, chegando até a sustentar a tese de que os militares devem ter diferente participação no projeto nacional e latino-americano.

"Os países desenvolvidos têm atuado com um esquema que integra as concepções de economia e de segurança nacional", lembrou Sérgio

Bitar, mencionando que as políticas daqueles países, sobre livre comércio, inversões estrangeiras, liberação do intercâmbio de serviços e o combate à substituição de importações, estão muito mais relacionadas a propósitos de interesse nacional e de segurança interna do que a uma estratégia estritamente econômica. Nos Estados Unidos, por exemplo, quando se trata de preservar o predomínio tecnológico, o governo chega mesmo a financiar 50% dos despendos em pesquisa e apóia firmemente a formação de recursos humanos de alta qualidade. "Na América Latina, ao contrário, as doutrinas de segurança nacional têm estado freqüentemente dissociadas das concepções de desenvolvimento, autonomia, integração latino-americana, igualdade e participação.

Esta separação enfraqueceu o esforço nacional, e pior ainda, como ocorreu na última década, destruiu-se um consenso nacional com a implantação de uma ordem interna repressiva e conservadora. Uma visão estratégica deve também integrar as concepções de desenvolvimento e segurança, buscando-se uma diferente incorporação dos militares ao projeto nacional e latino-americano", assinalou Sérgio Bitar.